

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 15
Número 1
Junho 2026

ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA: O MOVIMENTO DE UM PSEUDO-EVANGELHO

Seventh-day Adventism: The Movement of a Pseudo-Gospel

Me. Francis Natan Gonçalves Martins¹

Dr. Josemar Valdir Modes²

RESUMO

O presente artigo analisa teologicamente a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), problematizando sua crescente aceitação como uma denominação cristã evangélica ortodoxa. A despeito de sua expressiva expansão demográfica e midiática no Brasil, o estudo postula que o adventismo configura-se como um *pseudo-evangelho* ao afastar-se de premissas teológicas basilares do protestantismo histórico. Metodologicamente, a pesquisa realiza uma revisão histórico-crítica que perpassa as origens do movimento no século XIX - desde o desapontamento millerita de 1844 até a consolidação doutrinária promovida por Hiram Edson, Joseph Bates e Ellen G. White. O escopo central da investigação consiste em examinar criticamente dogmas adventistas exclusivos em contraponto ao princípio do *Sola Scriptura* e à exegese bíblica ortodoxa. Entre os postulados teológicos refutados, destacam-se a elevação dos escritos de White a um grau de inspiração autoritativa, a doutrina do Juízo Investigativo

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira; Pós-graduado em Marketing pela Unijuí e em Novas Tecnologias, Transformação Digital e Agilidade pela FIA (Fundação Instituto de Administração); e Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor de Adoração na Primeira Igreja Batista em Ijuí e como Coordenador de Estágios e Gestor de Comunicação e Marketing na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí. E-mail: natanmartins@batistapioneira.edu.br

² O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, com licenciatura em História e em Ciências da Religião pelo Centro Universitário ETEP. Tem especialização na área de Liderança e Gestão Corporativa pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, em Docência e Gestão na Educação a Distância pela Faculdade Dom Alberto, em Novas Tecnologias, Transformação Digital e Agilidade pela FIA, Docência em História pela Faculdade, bem como um Mestrado Livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente. É Mestre em Teologia Pastoral pela Faculdade Teológica Batista do Paraná e Doutor em História, na linha de pesquisa de Cultura e Patrimônio, pela Universidade de Passo Fundo. Pós-Doutor na área de teologia e história pela PUCPR. É Coordenador de Graduação e Professor na Faculdade Batista Pioneira. Professor de mestrado na área de história do Southwestern Baptist Theological Seminary e professor convidado do Centro para o Desenvolvimento de Liderança. Pesquisador no grupo de pesquisa Leitura e Interpretação de Textos Bíblicos da Faculdades Batista do Paraná. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

(que infere a incompletude da expiação na cruz), a identificação de Satanás como o bode emissário, a crença de que Jesus é o Arcanjo Miguel, o aniquilacionismo, além da imposição legalista da guarda do sábado e de restrições dietéticas. Conclui-se que o adventismo mescla verdades cristãs com graves equívocos hermenêuticos, legalismo e sinergismo soteriológico. Dessa forma, ao ancorar parte de sua dogmática em revelações extrabíblicas e posturas exclusivistas, a IASD apresenta divergências estruturais profundas que a distanciam irrefutavelmente do evangelicalismo clássico, assemelhando-se, em termos práticos, ao farisaísmo do primeiro século.

Palavras-chave: Adventismo. Ellen White. IASD. Apologética. Ortodoxia Evangélica.

ABSTRACT

This article provides a theological analysis of the Seventh-day Adventist Church (SDA), problematizing its growing acceptance as an orthodox evangelical Christian denomination. Despite its significant demographic and media expansion in Brazil, the study postulates that Adventism constitutes a *pseudo-gospel* by departing from the foundational theological premises of historical Protestantism. Methodologically, the research conducts a historical-critical review that spans the origins of the movement in the 19th century - from the Millerite Great Disappointment of 1844 to the doctrinal consolidation promoted by Hiram Edson, Joseph Bates, and Ellen G. White. The central scope of the investigation consists of critically examining exclusive Adventist dogmas in contrast to the principle of *Sola Scriptura* and orthodox biblical exegesis. Among the refuted theological postulates are the elevation of White's writings to a degree of authoritative inspiration, the doctrine of the Investigative Judgment (which infers the incompleteness of the atonement on the cross), the identification of Satan as the scapegoat, the belief that Jesus is the Archangel Michael, annihilationism, as well as the legalistic imposition of Sabbath observance and dietary restrictions. It is concluded that Adventism merges Christian truths with severe hermeneutical misconceptions, legalism, and soteriological synergism. Thus, by anchoring part of its dogmatics in extrabiblical revelations and exclusivist postures, the SDA Church presents profound structural divergences that irrefutably distance it from classical evangelicalism, resembling, in practical terms, first-century Pharisaism.

Keywords: Adventism. Ellen White. SDA. Apologetics. Evangelical Orthodoxy.

INTRODUÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) tem alcançado notória visibilidade na contemporaneidade, impulsionada por seu vasto material literário, produções musicais, rede televisiva e por figuras públicas de influência nos meios digitais. Diante dessa proeminência, emerge o seguinte questionamento teológico: seria o movimento adventista do sétimo dia uma expressão autêntica da fé cristã evangélica?

Diferentemente de décadas passadas, período em que o movimento era frequentemente classificado nos meios acadêmicos e eclesiais como uma seita, observa-se atualmente uma mudança de paradigma. É comum notar evangélicos, incluindo pastores e teólogos, reconhecendo os adventistas como parte do corpo cristão evangélico. Argumenta-se, nessa perspectiva, que a denominação representaria uma vertente legítima do evangelicalismo, distinguindo-se essencialmente pela observância do sábado e por prescrições dietéticas. Todavia, cabe questionar se as divergências teológicas se restringem unicamente a essas práticas litúrgicas e comportamentais.

Para responder a tal indagação, faz-se necessária uma criteriosa análise histórica acerca das origens do

movimento, bem como de seus precursores, pensadores e peculiaridades confessionais. Torna-se imperiosa, portanto, a avaliação de suas características doutrinárias em contraponto à fé cristã ortodoxa, tendo as Escrituras Sagradas como regra de fé e prática.

No cenário brasileiro, o adventismo tem registrado um crescimento expressivo, consolidando-se como uma das maiores denominações protestantes não pentecostais do país.³ Dados institucionais de 2024 indicam que a igreja alcançou a marca de aproximadamente 1,82 milhão de membros, distribuídos em mais de 10 mil congregações organizadas. Em termos estatísticos, o movimento apresentou uma expansão de 44,1% no interstício de quinze anos (2010-2025).⁴

Por fim, cumpre delimitar que o escopo do presente estudo concentrar-se-á especificamente na Igreja Adventista do Sétimo Dia - vertente de maior representatividade no Brasil -, não obstante a existência de ramificações minoritárias e grupos dissidentes oriundos do movimento adventista histórico.

1. ORIGEM DO MOVIMENTO

O Adventismo do Sétimo Dia, movimento expressivo no âmbito religioso brasileiro, surgiu no ímpeto do segundo grande despertar americano, no século XIX. O primeiro nome relevante ao surgimento do adventismo é William Miller, nascido em 1782, em Pittsfield, Massachusetts/EUA. Miller, a despeito das doutrinas adventistas atuais, não era sabatista e não cria na doutrina do santuário (que será abordado posteriormente). Era de origem batista, fazendeiro e pregador leigo com grande interesse em assuntos escatológicos.⁵

No ano de 1818 começou a anunciar que Cristo voltaria em vinte anos, para julgamento da humanidade. Em 1831 Miller marcou o advento de Cristo, datando-o para 10 de dezembro de 1843, segundo sua interpretação dos textos de Daniel 8.13-14 e Números 14.34, onde Miller afirmou que os 2300 dias significavam 2300 anos, que deveriam ser contados a partir do retorno de Esdras do exílio à Jerusalém. Muitos se atentaram à sua pregação e aguardavam ansiosamente o retorno de Cristo, a ponto de venderem seus bens. Mas o grande dia chegou e terminou como outro qualquer, sem que Jesus voltasse.⁶

Miller por sua vez, afirmou ter se equivocado, mediante a argumentativa de que usou o calendário errado para tal datação, pois havia utilizado o calendário hebraico (luach) e não o romano, usual na contemporaneidade. Então refez seus cálculos, agora a partir do calendário romano, apresentando uma nova data para a volta de Jesus: 22 de outubro de 1844. Novamente, o dia chegou e nada aconteceu. Tal apontamento de data gerou o que ainda hoje é chamado pelos adventistas de “O Grande Desapontamento”, pois muitos milleritas ficaram enfurecidos com seu profeta. Miller, por sua vez, admitiu seu erro e interrompeu seu ministério profético, voltando a congregar humildemente em uma igreja batista, onde permaneceu até sua morte, em 1849.⁷

Após o afastamento de Miller, surge então um outro nome importante no movimento, Hiram Edson. Edson era um millerita que acreditara na profecia do advento de Cristo, mas que envergonhado com a falha da profecia andava por uma lavoura de milho e supostamente tivera uma visão, que segundo ele, esclareceu a promessa de Miller com base em Hebreus 8.2. Segundo Edson, a profecia se cumpriu, mas não como fora esperada pelos milleritas. Para ele, na data estipulada por Miller, Cristo, no Santuário Celeste (segundo

³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2022**: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 6 jun. 2025. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 19 junho 2026.

⁴ ADVENTIST RESEARCH. **Estado dos membros da Igreja Adventista 2025**. Silver Spring, 8 abr. 2025. Disponível em: <https://www.adventistresearch.info/pt-br/state-of-the-adventist-church-membership-2025/>. Acesso em: 30 maio 2026.

⁵ BAALEN, Jan Karel Van. **O caos das seitas**: um estudo sobre os “ismos” modernos. Tradução de W. J. Gosldsmith. 2.ed. São Paulo: Batista Regular, 1974, p. 147-148.

⁶ SILVA, José Apolônio da. **Heresiologia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1981, p. 57-58.

⁷ NICODEMUS, Augustus. **Religiões Comparadas: Adventismo**. Canal Augustus Nicodemus. YouTube, 19 mar. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wioq_iCArLw. Acesso em: 25 ago. 2023.

a profecia de Ezequiel), saiu do Lugar Santo e foi até o Santo dos Santos, onde foi executado o Juízo Investigativo. Tal ato marca a complementação da obra de Cristo pelos homens, onde Ele iria investigar nos escritos celestiais os atos da humanidade, para então concluir a expiação pelos pecados que se iniciou na Cruz.⁸

Um terceiro nome de fundamental relevância para a consolidação do movimento é Joseph Bates (1792-1872). Nascido em Rochester, Massachusetts (EUA), Bates possuía um histórico peculiar: atuou como capitão de marinha mercante antes de se dedicar integralmente à vida religiosa como pregador leigo e fervoroso ativista da temperança. Tendo sido um engajado adepto do movimento millerita e vivenciado o chamado “Grande Desapontamento” de 1844, Bates destacou-se por sua capacidade de articulação teológica entre os grupos remanescentes. Sua principal contribuição dogmática consistiu na formulação e na defesa em prol da guarda do sábado. Influenciado pelo contato prévio com a literatura dos batistas do sétimo dia, Bates passou a interpretar e a defender que a observância do sétimo dia não era apenas uma ordenança moral contínua, mas um selo de fidelidade escatológica para aqueles que aspiravam seguir a Cristo. Essa convicção foi sistematizada em 1846, na publicação de seu influente tratado *The Seventh Day Sabbath, a Perpetual Sign* (O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo). Foi por intermédio da argumentação de Bates que essa compreensão litúrgica e teológica alcançou outros líderes fundadores do movimento, sendo posteriormente abraçada e validada por Ellen G. White. A partir desse endosso, a guarda do sábado deixou de ser uma crença periférica para se tornar o núcleo da identidade doutrinária da nascente Igreja Adventista do Sétimo Dia.⁹

A última e mais importante personagem do movimento foi Ellen Gould White (nome de casada - antes tinha apenas o sobrenome Harmon). White nasceu em 1827, em Gorham, Maine/EUA. Teve sua primeira experiência espiritual aos 9 anos, após ser atingida por uma pedrada na cabeça; momento este em que teve atordoamentos e posteriormente ficou inconsciente durante três semanas, sendo que tal acidente lhe causou dificuldades de aprendizado nos anos posteriores.¹⁰ White converteu-se aos 12 anos, em 1840, em uma Igreja Metodista na cidade de Buxton, Maine; e foi batizada em 1842, na mesma denominação, na Igreja Metodista de Casco Bay, Portland. Neste tempo seus pais mostraram interesse pelo millerismo, sendo que White foi influenciada a envolver-se com tal movimento.¹¹

Ellen White, como é mais conhecida, deu muita ênfase aos dons do Espírito, a saber, o dom da profecia, sendo que durante a sua vida teve mais de duas mil visões e revelações, que segundo ela eram direções interpretativas à genuína igreja remanescente de Jesus. As primeiras visões aconteceram aos seus 17 anos, onde segundo ela, teve uma mensagem de encorajamento aos milleritas desapontados no ano de 1844. Amparada pelos seus companheiros de movimento que a aceitaram como *A Luz de Deus*, viajou por muitos lugares trazendo a revelação de que tal movimento deveria permanecer firme apesar da grande frustração e zombaria que sofriam.¹²

Ela foi a maior escritora do movimento Adventista, sendo que sua obra mais famosa, “O Conflito dos Séculos”, vendeu mais de 5 milhões de cópias. Suas diversas obras, que relatam suas visões e interpretações da Bíblia, tornaram-se regra de fé aos adventistas, pois segundo o dogma do movimento, Ellen White detém o Espírito de Profecia que esclarece as Escrituras e a fé cristã por inspiração Divina (Segundo adventistas.org).¹³ No decorrer de sua vida, ela escreveu suas revelações sobre a fé, conduta ética, convívio familiar,

⁸ NICODEMUS, 2023, n.p.

⁹ LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Seitas proféticas**. 5.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991, p. 31-33.

¹⁰ MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982, p. 58-59.

¹¹ CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE. **Biografia de Ellen G. White (1827-1915)**. Engenheiro Coelho, SP: Centro White, [s.d.]. Disponível em: <https://centrowhite.org.br/ellen-g-white/biografia-de-ellen-g-white-1827-1915/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

¹² CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE, [s.d.], n.p.

¹³ SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH. **What do Seventh-day Adventists really believe?** Silver Spring, MD, [s.d.]. Disponível em: <https://www.adventist.org/beliefs/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

alimentação, vícios, Lei, advento de Jesus, conflitos entre Deus e o Diabo¹⁴ e até mesmo sobre seres viventes em outros planetas.¹⁵ Além do mais, Ellen White permaneceu, a exemplo de seus companheiros, datando a volta de Cristo com constantes fracassos; suas datas foram fixadas em 1847, 1850, 1852, 1854, 1855, 1866, 1867 e 1877.¹⁶

Sobre sua vida, menciona-se ainda que White casou-se com Tiago White (de quem recebeu o sobrenome) em 1846 e foi mãe de 4 filhos. Ela morreu em 1915, aos 87 anos, em Santa Helena, Califórnia.¹⁷

O movimento Adventista foi de fato organizado no ano de 1860, em Battle Creek/EUA, a partir da união dos três grupos influenciados por Edson, Bates e White. Ambos contribuíram em suas interpretações para a teologia do novo movimento que se formava: um com a revelação do santuário celeste, outro com o legalismo e ainda outro com sua profetiza. Assim são mescladas as bases que definem o Adventismo até a atualidade.¹⁸ Após perpassar por várias alterações de nomes como, Igreja Cristã Adventista (1855), Adventistas do Sétimo Dia (1860), União da Vida Adventista (1864), Igreja de Deus Adventista (1921), o movimento aderiu o título Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), que por sua vez transmite melhor a doutrina defendida.¹⁹

2. ADVENTISMO DO SÉTIMO DIA NO BRASIL

No Brasil, o adventismo estabeleceu-se inicialmente entre comunidades de imigrantes alemães residentes na Região Sul durante a última década do século XIX. Entretanto, o movimento rapidamente ultrapassou seu caráter étnico inicial e desenvolveu uma estratégia missionária voltada para a população brasileira em geral, tornando-se uma das denominações protestantes que mais cresceram ao longo do século XX.

2.1 A IMPLANTAÇÃO DO ADVENTISMO NO BRASIL (1884–1900)

A introdução da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil ocorreu durante o processo de intensa imigração europeia da segunda metade do século XIX, especialmente de populações alemãs estabelecidas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Esse contexto foi decisivo para a inserção inicial do adventismo, uma vez que as primeiras conversões ocorreram entre comunidades que mantinham o idioma alemão, preservavam vínculos culturais com a Europa Central e possuíam relativo acesso à literatura religiosa proveniente do exterior.²⁰

Ao contrário de outras denominações protestantes que chegaram ao país mediante o envio prévio de missionários ordenados, o adventismo foi inicialmente difundido por intermédio da circulação de publicações impressas. Conforme demonstram Richard W. Schwarz e Floyd Greenleaf, exemplares da revista *Stimme der Wahrheit* (“Voz da Verdade”), publicada em língua alemã nos Estados Unidos, passaram a circular entre colonos alemães residentes no Sul do Brasil ainda na primeira metade da década de 1880.²¹ A leitura desses periódicos despertou interesse pelas doutrinas adventistas, sobretudo acerca da segunda vinda de Cristo, da observância do sábado e da interpretação profética das Escrituras.

Entre os primeiros interessados destacou-se Borchardt, residente em Brusque (Santa Catarina),

¹⁴ CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE, [s.d.], n.p.

¹⁵ LOUGHBOROUGH, J. N. **O Grande Movimento Adventista**. Oregon: Adventist Pioneer Library, 2014, p. 218-2019.

¹⁶ CANRIGHT, D. M. **Adventismo do Sétimo Dia renunciado**: após uma experiência de vinte e oito anos como um proeminente ministro e escritor daquela fé. New York; Chicago; Toronto: Fleming H. Revell, 1889, p. 23.

¹⁷ CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE, [s.d.], n.p.

¹⁸ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nossa história**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/quem-somos/identidade/nossa-historia/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

¹⁹ SILVA, 1981, p. 59.

²⁰ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002, p. 26.

²¹ SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009, p. 17.

que, após estabelecer contato por correspondência com líderes adventistas norte-americanos, solicitou o envio de mais literatura e de um representante da igreja para instruir os grupos que começavam a surgir na região.²² Esse episódio ilustra uma característica recorrente da expansão adventista: frequentemente a literatura missionária antecedia a presença física dos missionários, preparando comunidades receptivas antes mesmo da organização formal da igreja.

Nesse contexto, em 1893, foi enviado ao Brasil o colportor alemão Albert B. Stauffer, considerado o primeiro missionário adventista em atividade permanente no país. Sua missão consistia principalmente na distribuição de livros e periódicos religiosos, atividade que desempenhou inicialmente entre os imigrantes de língua alemã no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. O trabalho de Stauffer ampliou significativamente o alcance da mensagem adventista, contribuindo para o surgimento de novos núcleos de interessados e fortalecendo grupos que até então possuíam apenas contato epistolar com a liderança internacional da denominação.²³

Pouco tempo depois chegou ao Brasil o pastor Frank H. Westphal, missionário norte-americano frequentemente reconhecido como o primeiro-ministro adventista ordenado a desenvolver trabalho pastoral sistemático no país. Westphal realizou visitas às comunidades de imigrantes, organizou estudos bíblicos, celebrou os primeiros batismos e estruturou administrativamente os grupos existentes. Em abril de 1895 realizou-se, em Gaspar Alto, Santa Catarina, um dos acontecimentos considerados marcos fundadores do adventismo brasileiro: o primeiro batismo coletivo conduzido por um pastor adventista em território nacional, ocasião em que diversos conversos formalizaram sua adesão à nova denominação.²⁴

A comunidade de Gaspar Alto, localizada no atual município de Gaspar (SC), tornou-se um dos principais centros do adventismo nascente. A partir dela irradiaram-se iniciativas evangelísticas para outras colônias alemãs do Vale do Itajaí e posteriormente para regiões do Paraná e Rio Grande do Sul. Embora numericamente reduzidas, essas comunidades apresentavam elevado grau de comprometimento religioso, favorecendo a formação de uma estrutura congregacional relativamente estável.²⁵

Outro personagem de grande relevância nesse período foi Guilherme Stein Jr. (Wilhelm Stein Jr.), frequentemente identificado como o primeiro pastor adventista brasileiro. Filho de imigrantes alemães, Stein converteu-se ainda jovem ao adventismo e tornou-se um importante colaborador na tradução, publicação e difusão da literatura religiosa em língua portuguesa. Sua atuação representou uma mudança significativa na estratégia missionária da denominação, que gradualmente deixou de concentrar-se exclusivamente nas comunidades germânicas para alcançar também a população brasileira de língua portuguesa.²⁶

Esse processo de transição linguística revelou-se fundamental para o futuro crescimento da igreja. Conforme observa Floyd Greenleaf, durante seus primeiros anos o adventismo brasileiro poderia facilmente ter permanecido restrito às colônias alemãs do Sul, como ocorreu com alguns outros grupos protestantes de imigração. Entretanto, a decisão de investir precocemente na produção de literatura em português, na formação de obreiros nacionais e na evangelização da população não germânica alterou profundamente a trajetória da denominação, permitindo sua posterior nacionalização e expansão em escala continental.²⁷

Paralelamente ao crescimento das igrejas locais, os adventistas iniciaram a organização administrativa da denominação no Brasil. Em 1896 foi criada a Missão Brasileira, vinculada à Associação Geral da Igreja Adventista, com o propósito de coordenar as atividades missionárias em território nacional. Poucos anos depois, em 1902, seria organizada a Associação Rio-Grandense, considerada a primeira unidade

²² GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 88.

²³ SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 53.

²⁴ SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 32.

²⁵ GREENLEAF, 2011, p. 17.

²⁶ TIMM, Alberto R.; SANTOS, Moisés (org.). **O Adventismo no Brasil: ensaios sobre história, identidade e missão**. Curitiba: Editora Fi, 2024, p. 65.

²⁷ GREENLEAF, 2011, p. 28.

administrativa permanente da Igreja Adventista no Brasil, marco que simboliza a consolidação institucional do movimento.²⁸

Durante esse período inicial, a evangelização esteve fortemente associada ao trabalho dos colportores. Esses missionários dedicavam-se à venda e distribuição de livros religiosos de casa em casa, estratégia que desempenhou papel decisivo na expansão adventista em diversas regiões do país. Segundo Denis Fortin, a colportagem constituiu um dos principais instrumentos missionários adventistas durante o final do século XIX, permitindo que comunidades inteiras fossem alcançadas antes mesmo da presença de pastores residentes.²⁹ No Brasil, essa metodologia mostrou-se especialmente eficaz em razão da dispersão das colônias agrícolas e da reduzida infraestrutura eclesiástica disponível nos primeiros anos da missão.

Ao final do século XIX, embora o número de membros ainda fosse modesto, a Igreja Adventista havia estabelecido os fundamentos que sustentariam sua expansão ao longo do século XX: uma liderança nacional em formação, uma rede de literatura religiosa, comunidades organizadas, estrutura administrativa inicial e uma estratégia missionária baseada na integração entre evangelização, educação e publicações. Esses elementos diferenciariam o adventismo de diversas outras expressões protestantes presentes no Brasil, conferindo-lhe elevada capacidade de organização e crescimento institucional.

2.2 CONSOLIDAÇÃO INSTITUCIONAL E EXPANSÃO NACIONAL DO ADVENTISMO BRASILEIRO (1900–1950)

O início do século XX marcou uma nova etapa na história da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Após o período de implantação entre as colônias germânicas do Sul do país, a denominação passou por um intenso processo de institucionalização, caracterizado pela organização administrativa, pela ampliação das atividades educacionais, pela consolidação da obra editorial e pela expansão missionária para regiões de língua portuguesa. Esse processo conferiu ao adventismo brasileiro uma estrutura organizacional capaz de sustentar seu crescimento nas décadas subsequentes e diferenciou a denominação de muitos outros grupos protestantes estabelecidos no mesmo período.³⁰

Segundo Antônio Gouvêa Mendonça, um dos elementos característicos do protestantismo missionário implantado no Brasil foi a criação de instituições permanentes - escolas, seminários, hospitais e editoras - como instrumentos de evangelização e de formação religiosa.³¹ No caso adventista, entretanto, tais instituições não constituíram apenas meios auxiliares da missão, mas elementos integrantes da própria identidade denominacional. Desde seus primórdios, a Igreja Adventista compreendeu educação, saúde e publicações como dimensões inseparáveis de sua teologia missionária.

Nesse contexto, a organização administrativa tornou-se prioridade. Em 1902 foi criada a Associação Rio-Grandense, considerada a primeira unidade administrativa adventista brasileira, responsável por coordenar igrejas e atividades missionárias no sul do país. Poucos anos depois foram estabelecidas novas associações e missões em outras regiões, acompanhando o crescimento do número de membros e congregações. Em 1910, a criação da União Sul-Brasileira representou importante avanço administrativo, permitindo maior autonomia da igreja em território nacional e facilitando a coordenação das atividades evangelísticas.³²

Essa estrutura seguia o modelo organizacional internacional adotado pela Igreja Adventista, baseado em diferentes níveis administrativos (igrejas locais, associações ou missões, uniões e divisão sul-americana), todos subordinados à Associação Geral. Conforme observa Richard Schwarz, esse sistema favoreceu elevado grau de padronização doutrinária, estabilidade administrativa e eficiência na distribuição de

²⁸ SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 34.

²⁹ FORTIN, Denis (ed.). *The Ellen G. White Encyclopedia*. Hagerstown: Review and Herald, 2013, p. 62.

³⁰ GREENLEAF, Floyd, 2011, p. 51.

³¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. 3.ed. São Paulo: EdUSP, 2008, p. 33.

³² SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 66.

recursos humanos e financeiros, fatores que contribuíram significativamente para a expansão mundial da denominação.³³

Paralelamente ao desenvolvimento administrativo, o adventismo brasileiro investiu fortemente na formação educacional de seus membros. Em 1915 foi fundado, em Santo Amaro, então município do estado de São Paulo, o Seminário Adventista, instituição destinada inicialmente à preparação de obreiros, evangelistas e professores para o trabalho missionário. Ao longo das décadas seguintes, a instituição ampliou suas atividades acadêmicas, tornando-se posteriormente o atual Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), considerado uma das principais instituições confessionais de ensino superior da América Latina.³⁴

A educação adventista fundamentava-se numa concepção integral do ser humano, segundo a qual desenvolvimento intelectual, formação espiritual, trabalho manual e hábitos saudáveis deveriam constituir dimensões complementares da formação cristã. Ellen G. White defendia que a educação possuía finalidade redentiva, preparando indivíduos tanto para o serviço religioso quanto para a vida em sociedade.³⁵ Essa compreensão influenciou profundamente a expansão da rede educacional adventista brasileira, que passou a fundar escolas primárias e internatos em diversas regiões do país durante a primeira metade do século XX.

Outro eixo fundamental da consolidação institucional foi o fortalecimento da atividade editorial. Em 1900 foi oficialmente estabelecida a Casa Publicadora Brasileira (CPB), inicialmente localizada em Taquari (RS) e posteriormente transferida para Santo André (SP). A editora tornou-se responsável pela produção de livros, periódicos, revistas da Escola Sabatina, materiais evangelísticos e literatura devocional em língua portuguesa, desempenhando papel decisivo tanto na formação doutrinária dos membros quanto na evangelização de novos interessados.³⁶

A literatura impressa permaneceu durante décadas como um dos principais instrumentos missionários da denominação. Os chamados colportores evangelistas percorriam cidades, áreas rurais e comunidades isoladas distribuindo livros religiosos, muitas vezes estabelecendo o primeiro contato entre a população e a mensagem adventista. Leonildo Silveira Campos observa que o uso sistemático da literatura religiosa constituiu uma das marcas distintivas de diversos grupos protestantes missionários, mas, entre os adventistas, essa estratégia alcançou um grau particularmente elevado de organização e continuidade institucional.³⁷

Além da educação e das publicações, a assistência médico-missionária passou gradualmente a integrar a estratégia de expansão da igreja. Inspirados pelas concepções de reforma de saúde desenvolvidas por Ellen G. White, os adventistas passaram a promover campanhas de higiene, temperança, alimentação saudável e prevenção de doenças. Embora os grandes hospitais adventistas brasileiros fossem organizados principalmente a partir da segunda metade do século XX, já nas primeiras décadas existiam iniciativas voltadas à divulgação de princípios de saúde preventiva por meio de revistas, palestras e cursos comunitários.³⁸

Outro aspecto relevante desse período foi a progressiva nacionalização da liderança eclesiástica. Se nos primeiros anos os principais dirigentes eram missionários norte-americanos e alemães, as décadas de 1920 e 1930 assistiram ao surgimento de uma geração crescente de pastores, professores e administradores brasileiros. Esse processo reduziu gradualmente a dependência de missionários estrangeiros e favoreceu

³³ SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 72.

³⁴ GREENLEAF, 2011, p.19.

³⁵ WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 77.

³⁶ SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 39.

³⁷ CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis: Vozes, 1997. (Embora dedicado ao neopentecostalismo, Campos oferece uma análise útil sobre a literatura religiosa e as estratégias organizacionais do protestantismo brasileiro, permitindo comparação metodológica.)

³⁸ KNIGHT, George R. **Nossa identidade: origem e desenvolvimento das doutrinas adventistas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005, p. 87.

maior adaptação da igreja às características culturais e sociais do país.³⁹

Do ponto de vista geográfico, a expansão deixou de concentrar-se exclusivamente nas colônias de imigração alemã. Novas igrejas foram organizadas em centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Salvador e Recife, ao mesmo tempo em que missionários avançavam para o interior do país, alcançando comunidades rurais e regiões até então pouco atendidas por outras denominações protestantes. Segundo Paul Freston, esse movimento de interiorização constitui uma das principais características do protestantismo brasileiro ao longo do século XX, sendo particularmente evidente na trajetória adventista.⁴⁰

Ao final da década de 1950, a Igreja Adventista do Sétimo Dia encontrava-se plenamente consolidada como uma instituição nacional. Sua estrutura administrativa abrangia diferentes regiões brasileiras, sua rede educacional encontrava-se em expansão, a produção editorial alcançava milhares de exemplares anuais e a formação de obreiros nacionais garantia continuidade às atividades missionárias. Esses elementos prepararam o terreno para o expressivo crescimento demográfico observado nas décadas seguintes, especialmente entre os anos de 1960 e 2000, período em que o adventismo deixou de ser uma pequena denominação de origem imigrante para tornar-se uma das maiores igrejas protestantes do Brasil.

No plano demográfico, os resultados dessa estratégia tornaram-se particularmente evidentes a partir das últimas décadas do século XX. Segundo dados da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista e da Associação Geral, o número de membros brasileiros passou de algumas dezenas de milhares na década de 1950 para centenas de milhares nas décadas seguintes, ultrapassando posteriormente a marca de um milhão de membros batizados. Esse crescimento colocou o Brasil como o país com uma das maiores populações adventistas do mundo, ao lado dos Estados Unidos, Peru, México e Filipinas.⁴¹

3. PONTOS CRÍTICOS E ESCÂNDALOS

Dentre os pontos críticos e escândalos de tal movimento, podem ser mencionados:

- Constantes determinações da volta de Jesus por parte de seus precursores, embora na atualidade eles tentem separar-se de suas raízes.⁴²
- Ellen White enfrentava transtornos mentais quando sofria ataques,⁴³ segundo o constatado pelo médico chefe do Hospital Adventista de Battle Creek.⁴⁴ Os seguintes médicos apontaram tais possíveis transtornos: D. M. Canright, *Life of Ellen G. White* (1889) (atribuiu as visões a problemas nervosos e neurológicos); Ronald L. Numbers, *Prophetess of Health* (1976; edições posteriores), fez uma análise histórica crítica de Ellen White; Delbert H. Hodder e Gregory L. Holmes, realizaram trabalhos apresentados na década de 1980 defendendo a hipótese de epilepsia do lobo temporal na infância após o trauma da pedrada.⁴⁵ Tais transtornos lhe causavam visões, delírios e perturbações originadas por uma anomalia no cérebro e no sistema nervoso.⁴⁶
- Foram constatados vários plágios nos escritos de Ellen White, até mesmo por teólogos adventistas.

³⁹ TIMM, Alberto R.; SANTOS, Moisés (org.). **O Adventismo no Brasil**: ensaios sobre história, identidade e missão. Curitiba: Editora Fi, 2024, p. 103.

⁴⁰ FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira**. Rio de Janeiro: FASE, 1993, p. 45.

⁴¹ GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. **Annual Statistical Report**. Silver Spring, MD: Office of Archives, Statistics and Research, diversas edições.

⁴² NICODEMUS, 2023, n.p.

⁴³ WYNNE, Kerry. **O fiasco da visão de Ellen White sobre os edifícios de Chicago**. Tradução de Valter Contessoto. 1 ago. 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/542192479/o-Fiasco-Da-Visao-de-Ellen-White-Sobre-Os-Edificios-de-Chicago>. Acesso em: 8 jun. 2026.

⁴⁴ MARTINS, Jaziel Guerreiro. **Seitas e heresias do nosso tempo**. Curitiba: ADSantos, 1998, p. 56.

⁴⁵ HODDER, Delbert H. **Visions or Partial-Complex Seizures?** *Evangelica*, v. 2, n. 5, nov. 1981. Reproduzido em: [Nonegw.org](https://www.nonegw.org/egw79.shtml). Disponível em: <https://www.nonegw.org/egw79.shtml>. Acesso em: 8 jun. 2026.

⁴⁶ LIMA, Itard Víctor Camboim de. **O diagnóstico de Ellen Gould White**. Centro Apologético Cristão De Pesquisas (CACP). Londrina, PR: CACP, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cacp.app.br/o-diagnostico-de-ellen-gould-white/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

O Los Angeles Times trouxe a público acusações de fraudes em seus escritos, com alegações do pastor adventista Elder Walter Rea, que encontrou tal postura em todos seus materiais famosos. Também Neal C. Wilson, presidente de uma comissão adventista especial, constatou plágios em níveis alarmantes em seus escritos.⁴⁷

- Os adventistas, desde seus tempos remotos, são extremamente prosélitos. Boa parte de seus esforços, baseiam-se em fisgar evangélicos inconstantes e néscios na fé, pois assim poupam trabalho em doutrinação.⁴⁸

4. PRINCIPAIS DOCTRINAS DO MOVIMENTO

No que concerne à dogmática adventista, procede-se agora à análise de determinados pressupostos teológicos singulares sustentados pelo movimento, os quais frequentemente suscitam debates no campo da teologia sistemática. Enquanto o arcabouço confessional da denominação apresente diversas outras particularidades doutrinárias passíveis de investigação, o presente exame delimitar-se-á a temas específicos mais críticos, formalmente expressos e ratificados na declaração oficial das Crenças Fundamentais da instituição.

4.1 A PROFETIZA ELLEN WHITE

As Escrituras revelam que um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Esse dom é uma característica da igreja remanescente e nós cremos que ele foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Seus escritos falam com autoridade profética e provêm consolo, orientação, instrução e correção para a igreja. Eles também tornam claro que a Bíblia é a norma pela qual deve ser provado todo ensino e experiência. (Declaração de fé Adventista).⁴⁹

Cremos que o ministério e os escritos de Ellen White foram uma manifestação do dom de profecia. Ellen White foi inspirada pelo Espírito Santo, e seus escritos, o produto dessa inspiração, têm autoridade especial para os adventistas do sétimo dia. Negamos que a qualidade ou grau de inspiração dos escritos de Ellen White sejam diferentes dos encontrados nas Escrituras Sagradas.⁵⁰

Para o movimento, Ellen G. White detém o Espírito de Profecia que esclarece as Escrituras e a fé cristã por inspiração Divina (Segundo adventistas.org). Defendem que a Bíblia é a regra de fé, mas foi White quem esclareceu esta realidade, pois ela é a luz menor que aponta para a luz maior das Escrituras. No entanto, em seus próprios escritos (Primeiros Escritos, p. 258) defende que suas mensagens proféticas não podem ser movidas ou questionadas.⁵¹ No decorrer de sua vida, ela escreveu suas revelações sobre a fé, conduta ética, convívio familiar, alimentação, vícios, Lei, advento de Jesus, conflitos entre Deus e o Diabo⁵² e até mesmo sobre seres viventes em outros planetas.⁵³

Ademais, para os adventistas, acatar o ministério profético de Ellen White não é apenas uma conveniência ou opção, mas uma questão que consiste em salvação e condição de batismo nas águas. Dentre as perguntas do voto batismal oficial da denominação, uma das perguntas é “Você crê no ministério profético de Ellen G. White?”;⁵⁴ além do que, uma das questões a serem preenchidas no formulário de candidatura à filiação na denominação é “Aceita o ensinamento bíblico dos dons espirituais e crê que o dom de profecia manifesto no ministério de Ellen G. White é uma característica distintiva da igreja

⁴⁷ MARTINS, 1998, p. 57-58.

⁴⁸ NICODEMUS, 2023, n.p.

⁴⁹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **O dom de profecia**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/18-o-dom-de-profecia/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

⁵⁰ REVISTA ADVENTISTA. **Afirmamos e Negamos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, fevereiro de 1984, p. 37.

⁵¹ RINALDI, Natanael. **Desmascarando as seitas**. Tradução de Paulo Romeiro. 5.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 15.

⁵² SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH, [s.d.], n.p.

⁵³ WHITE, Ellen G. **Primeiros escritos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 39-40.

⁵⁴ MOCELLIN, Rodrigo. **Pastor prova que adventista é seita**. Canal Pastor Rodrigo Mocellin. YouTube, 5 ago. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vFqvaZtTjD0>. Acesso em: 9 jun. 2026.

remanescente?”⁵⁵ À seguir, a ficha de candidatura ao batismo, com o tal questionamento:

Imagem 1 - Ficha de batismo 2021 (Arquivo Adventista)

*ATENÇÃO - Para evitar duplicidade, verifique no ACMS se o/a candidato/a é membro.

1ª via - Associação/Missão

FICHA DE REGISTRO DE CANDIDATO	
PREENCHA A FICHA COM LETRA DE FORMA E NÃO DEIXE CAMPOS SEM RESPOSTA	
☐ Batismo ☐ Voto especial - Anexar a ficha de "Pedido de Batismo por Voto Especial" aprovado pela Comissão Diretiva do Campo local.	
☐ Rebatismo* Foi consultada a igreja/grupo ou o pastor onde o/a candidato/a foi removido/a? ☐ S ☐ N Data da remoção: _____	
☐ Profissão de fé* Motivo: _____ Igreja/grupo e localidade onde foi membro: _____	
Nomes (sem abreviações) _____ Sobrenomes (sem abreviações) _____	
Sexo ☐ Masculino ☐ Feminino Data de nascimento _____ Cidade, UF, país de nascimento _____	
Nome da mãe _____ Nome do pai _____	
Endereço residencial completo _____	
Bairro _____ Cidade, UF, país da residência _____ CEP _____	
Telefone () _____ E-mail _____ Doc. Identificação / Órgão Emissor / UF _____	
INSTRUTOR/A BIBLICO/A (preencher o nome completo de até dois instrutores bíblicos)	
1. Como você conheceu a IASD? (marque só uma opção) ☐ Acampamento/retiro ☐ Internet ☐ ADRA ☐ Livros/literatura ☐ Amigos/conhecidos ☐ Missão Calebe ☐ Desbravadores/Avent ☐ Mutirão de Natal ☐ Educação Adventista ☐ Pequeno Grupo ☐ Escola Sabatina ☐ Quebrando o Silêncio ☐ Evangelismo público ☐ Rádio ☐ Família/parentes ☐ TV ☐ Instituição de saúde ☐ Outro _____	
2. Como você estudou a Bíblia? (marque só uma opção) ☐ Classe Bíblica ASA ☐ Estudo Bíblico individual ☐ Classe Bíblica Calebe/Jovens ☐ Estudo Bíblico on-line ☐ Classe Bíblica da Igreja ☐ Evangelismo público ☐ Classe Bíblica Desbr/Avent ☐ Ouvi sermões na igreja ☐ Classe Bíblica Educação ☐ Pequeno Grupo ☐ Classe Bíblica ES ☐ Estudei pouco a Bíblia ☐ Escola Bíblica Novo Tempo ☐ Não estudei a Bíblia ☐ Escola Cristã de Férias ☐ Outro _____	
Estado civil ☐ Solteiro ☐ Divorciado ☐ Viúvo ☐ Casado ☐ Outro _____ Data casamento civil: _____	
Religião anterior _____	
Qual foi o fator decisivo para você ser batizado/a? (marque só uma opção) ☐ Amigos ☐ Missão Calebe ☐ Convicção pessoal ☐ Pequeno Grupo ☐ Desbravadores/Avent ☐ Programa Reencontro ☐ Educação Adventista ☐ Rádio ☐ Escola Sabatina ☐ Semana de Oração ☐ Evangelismo público ☐ TV ☐ Família/parentes ☐ Outro ☐ Internet	
DECLARAÇÃO DE FÉ	
1. Aceita a Bíblia toda como a inspirada Palavra de Deus? ☐ S ☐ N	
2. Aceita o ensino bíblico da trindade de que Deus é uma unidade de três pessoas coeternas: Pai, Filho e Espírito Santo? ☐ S ☐ N	
3. Aceita a morte de Jesus Cristo como o sacrifício que perdoo e apaga os pecados, e acredita que é salvo pela graça, mediante a fé? ☐ S ☐ N	
4. Aceita Jesus Cristo como o seu único Salvador pessoal e o Senhor da sua vida? ☐ S ☐ N	
5. Decide deixar tudo o que prejudica a sua saúde e a de outras pessoas, evitando o consumo de alimentos impróprios, o uso, a fabricação e a comercialização de bebidas alcoólicas, tabaco, café, drogas ilícitas, porque reconhece que o corpo é o templo do Espírito Santo? ☐ S ☐ N	
6. Aceita pôr em prática todas as crenças e princípios bíblicos fundamentais, incluindo a modestia cristã no vestir-se, no uso de adornos e na aparência pessoal, abstendo-se de frequentar lugares impróprios, assim como ensina a Igreja Adventista do Sétimo Dia? ☐ S ☐ N	
7. Aceita devolver fiel e voluntariamente o dízimo e a oferta, de acordo com o ensinamento bíblico? ☐ S ☐ N	
8. Decide obedecer a todos os mandamentos de Deus, inclusive o do sábado? ☐ S ☐ N	
9. Crê e aceita que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente dos últimos dias de acordo com a profecia bíblica, e deseja ser aceito como membro da congregação local da Igreja Adventista mundial? ☐ S ☐ N	
10. Aceita o ensinamento bíblico dos dons espirituais e crê que o dom de profecia manifesto no ministério de Ellen G. White é uma característica distintiva da igreja remanescente? ☐ S ☐ N	
11. Aceita o ensinamento bíblico do batismo por imersão e voluntariamente decide ser batizado? ☐ S ☐ N	
12. Aceita que Jesus Cristo é o seu intercessor no Santuário Celestial e que Ele lhe oferece Sua graça e Seu poder para viver uma vida centrada Nele? ☐ S ☐ N	
13. Aceita preparar-se como discípulo e se dispõe a discipular pessoas para a breve vinda do nosso Senhor Jesus Cristo, participando ativamente da pregação do evangelho? ☐ S ☐ N	
Quem discipularei: _____	
CREIO E ACEITO AS CRENÇAS FUNDAMENTAIS, NORMAS E PRINCÍPIOS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, INCLUSIVE A DISCIPLINA ECLESIASTICA, EXPRESSOS NO "MANUAL DA IGREJA", E DESEJO SER MEMBRO DESTA CONGREGAÇÃO LOCAL DA IGREJA ADVENTISTA MUNDIAL.	
COM A MINHA ASSINATURA DOU CONSENTIMENTO EXPRESSO PARA QUE A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA TRATE MEUS DADOS PESSOAIS DE ACORDO COM A LEI, ESPECIFICAMENTE NO CUMPRIMENTO DE SUAS FINALIDADES INSTITUCIONAIS. A POLÍTICA DE PRIVACIDADE ESTÁ PUBLICADA NO SITE: http://adv.st/privacidade	
Menor de 16 anos (até dois responsáveis, se necessário)	
Nome responsável _____ Doc. Identificação / Órgão Emissor / UF _____ Assinatura responsável _____	
1. _____	
2. _____	
Assinatura candidato/a _____	
CERIMÔNIA	
Data da cerimônia _____ Local, cidade/UF da cerimônia _____	
Nome completo do pastor oficiante _____ Assinatura pastor oficiante _____	
Nome da igreja/grupo que o/a recebeu como membro _____ Cidade/UF da igreja/grupo organizado _____	
Data e voto da Reunião Regular/Administrativa _____ Nome secretário/a da igreja/grupo organizado _____	
Data: _____ Voto: _____ Assinatura secretário/a da igreja/grupo organizado _____	

Esta via deve ser destruída pela Secretaria do Campo ao finalizar o ano corrente, confirmando primeiro se os dados do membro e a cópia desta ficha digitalizada foram inseridos corretamente no ACMS.

Refutação: Em contrapartida, a teologia cristã ortodoxa fundamenta-se no princípio do *Sola Scriptura*, sustentando a suficiência, a inerrância e a finalidade da revelação bíblica. A partir dessa perspectiva de fé, compreende-se que a revelação especial e autoritativa de Deus foi concluída com o ministério de Cristo e o encerramento do período apostólico (Hb 1.1-2; Gl 1.6-9; Lc 16.16; Ap 22.18-19; 2Jo 9). Consequentemente, qualquer reivindicação de inspiração profética que se equipare ou se sobreponha ao

⁵⁵ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Ficha de batismo 2021**: ficha de registro de candidato. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2021. Disponível em: <https://arquivosadventistas.org/arquivos/secretaria/Ficha%20de%20batismo%202021.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2026.

⁵⁶ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2021, n.p.

cânon sagrado é tradicionalmente rejeitada pela ortodoxia protestante (Dt 13.1-3; 18.20-22; Cl 2.8, 18-19).⁵⁷ Aliás, somente as Escrituras Sagradas, a Palavra de Deus fora inspirada pelo Espírito de Deus, e jamais a senhora Ellen G. White (2Pe 1.21).

Ademais, no que tange à fenomenologia das visões de Ellen G. White, parte da historiografia e de críticos do movimento levanta o argumento de que suas experiências extáticas poderiam estar associadas a quadros neurológicos. Na literatura crítica, tais eventos são frequentemente correlacionados ao grave trauma craniano sofrido pela autora em sua infância, o qual, segundo alguns especialistas, poderia ter ocasionado episódios de alucinações, oferecendo uma explicação patológica em detrimento da origem divina das revelações.⁵⁸

Outro ponto de intensa divergência teológica reside no conteúdo de determinados relatos extrabíblicos presentes nos escritos de White. Tais registros abrangem desde visões cosmológicas peculiares - como a existência de mundos não caídos habitados por seres que observam o sábado - até prescrições rígidas de ordem dietética e comportamental.⁵⁹ Entre estas, destacam-se a forte condenação ao consumo de carne, café, chá e laticínios, bem como regulamentações específicas sobre o vestuário feminino (como o uso de roupas acinturadas ou perucas)⁶⁰ e advertências contra o excesso de leitura, ao qual a autora chegou a atribuir riscos de danos físicos e neurológicos severos. No meio cristão evangélico, essas orientações são frequentemente classificadas como excêntricas que distanciam o movimento do evangelicalismo clássico.⁶¹

Quanto às datações da volta de Jesus, por parte de White e seus companheiros, pontua-se a clareza do Senhor ao dizer que ninguém sabe o dia ou a hora determinada pela soberana vontade de Deus (Mc 13.32-33; Mt 24.36-44; 25.13; At 1.7). Ademais, a apropriação hermenêutica dos “2.300 dias” (Dn 8.13-14), articulada por William Miller mediante a aplicação do chamado “princípio dia-ano” (Nm 14.34), destoa do consenso da exegese histórico-gramatical predominante. Para a erudição bíblica majoritária, a profecia de Daniel refere-se historicamente à profanação do santuário por Antíoco IV Epifânio e à subsequente purificação do templo com a restauração dos sacrifícios diários no período macabeu, não havendo, portanto, base exegética sólida que vincule tal passagem cronologicamente ao retorno escatológico de Cristo.⁶²

4.2 SANTUÁRIO CELESTE E JUÍZO INVESTIGATIVO

Em 1844, no fim do período profético dos 2.300 dias, Ele [Cristo] iniciou a segunda e última etapa de Seu ministério expiatório, que foi tipificado pela obra do sumo sacerdote no lugar santíssimo do santuário terrestre. É uma obra de juízo investigativo, a qual faz parte da eliminação final de todo pecado... (Declaração de fé Adventista).⁶³

Para os adventistas, a expiação dos pecados não aconteceu na cruz, pois o sangue de Cristo não tinha por objetivo anular o pecado. Os pecados ficaram registrados em escritos celestiais que se encontravam no Santuário Celestial, sendo que Jesus adentrou este em 22 de outubro de 1844 para realizar o Juízo Investigativo e ainda está a realizar a purificação do santuário e fará a expiação final por estas iniquidades. No Juízo Investigativo, Jesus saiu do lugar Santo para adentrar o Lugar Santíssimo, onde está investigando os atos de todos os homens. Depois disso, voltará à terra no final desta era. Usam-se de forma equivocada, para esta teoria, o texto de Daniel 8.13-14 e Hebreus 9.23.⁶⁴

⁵⁷ NICODEMUS, 2023, n.p.

⁵⁸ LEITE FILHO, 1991, p. 40-42.

⁵⁹ ANDERSON, Dirk. **Criticisms of Ellen White's prophetic gift**. Atualizado em abr. 2026. Disponível em: <https://www.nonegw.org/criticb.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2026.

⁶⁰ WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View, CA: Pacific Press, 1885. p. 460-461.

⁶¹ NICODEMUS, 2023, n.p.

⁶² KALLER, Donald W. **Seitas I**. 9.ed. Patrocínio: CEIBEL, 1992, p. 46-56.

⁶³ IGREJA ADVENTISTA. **O ministério de Cristo no santuário celestial**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/24-o-ministerio-de-cristo-no-santuario-celestial/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

⁶⁴ MARTINS, 1998, p. 66-67.

Refutação: A teoria do Santuário foi uma farsa dos primórdios adventistas para tapear a vergonha da promessa especulativa do retorno de Jesus. O texto de Daniel 8.13-14 se refere à purificação e reedificação do templo após o exílio, executado por Judas Macabeu em 25 de dezembro de 165 a.C.⁶⁵ Ademais, Cristo completou sua obra redentora, pois ofereceu um sacrifício definitivo que aniquilou o pecado (Hb 1.3; 9.23-28).⁶⁶ Ainda, Jesus Cristo adentrou o santuário, na presença de Deus, 40 dias após a sua ressurreição, em sua ascensão (At 1.11; 7.55; Ef 4.10). Agora, sua obra é interceder pelos seus nos Céus (Hb 7.25). Destaca-se ainda a posição de Cristo nos Céus, segundo Hebreus 8.1 assentado, pois os sacerdotes não se assentavam no templo enquanto realizavam seu ofício. Por isso, o fato de Cristo estar assentado, demonstra a conclusão de sua obra! (Hb 10.10, 14; Jo 19.30).⁶⁷

Ainda, em oposição à premissa adventista da incompletude da expiação, a hermenêutica cristã ortodoxa fundamenta-se no Novo Testamento para demonstrar que a obra redentora de Cristo consistiu no pagamento integral do resgate (*lutron* - Mt 20.28; Mc 10.45), cumprindo cabalmente a tipologia do sistema sacrificial levítico, no qual a vida do substituto imaculado expia a culpa do pecador (Jo 1.29; 1Co 5.7). Consequentemente, a erudição bíblica rechaça o postulado de que os pecados permaneceriam registrados em um santuário celestial para posterior transferência a Satanás (abordar-se-á na sequência), uma vez que a epístola aos Hebreus (1.3; 7.27; 9.11-14, 22-26; 10.12-14) assevera de modo irrefutável que o sacrifício vicário foi consumado de forma definitiva (“uma vez por todas”) na cruz, garantindo a eterna redenção e a anulação cabal da maldição (Gl 3.13; 1Pe 2.24).⁶⁸

4.3 SATANÁS, O BODE EXPIATÓRIO

...o bode emissário tipificava Satanás, autor do pecado, sobre quem os pecados dos verdadeiros penitentes serão finalmente colocados. Quando o sumo sacerdote, por virtude do sangue da oferta pela transgressão, removia do santuário os pecados, colocava-os sobre o bode emissário. Quando Cristo, pelo mérito de Seu próprio sangue, remover do santuário celestial os pecados de Seu povo, ao encerrar-se o Seu ministério, Ele os colocará sobre Satanás, que, na execução do juízo, deverá encarar a pena final.⁶⁹

O bode emissário simboliza Satanás, autor do pecado, sobre quem os pecados dos verdadeiramente arrependidos serão finalmente colocados.⁷⁰

Outro postulado amplamente questionado pela ortodoxia cristã refere-se à interpretação adventista do ritual do Dia da Expição (*Yom Kippur*), fundamentada em Levítico 16.7, 20-22 e 26. Nesta perspectiva hermenêutica, a denominação defende que o primeiro bode, oferecido em sacrifício, tipifica Jesus Cristo, ao passo que o bode emissário (*Azazel*), solto no deserto, prefigura Satanás. Dogmaticamente, o movimento argumenta que Cristo, ao concluir o Juízo Investigativo no Santuário Celestial, transferirá e depositará sobre o Diabo a culpa pelos pecados perdoados da humanidade. Críticos e teólogos sistemáticos apontam que, em termos práticos, tal formulação escatológica atribui a Satanás o encargo de carregar o fardo final do pecado, conferindo-lhe uma indesejada função de “co-redentor”. Segundo essa vertente adventista, o Diabo e o pecado serão conjuntamente aniquilados no fim dos tempos. Para a apologética evangélica clássica, contudo, a ideia de que Satanás desempenhe qualquer papel na erradicação definitiva das iniquidades compromete gravemente a suficiência, a exclusividade e a centralidade da expiação cristocêntrica consumada na cruz. Assim, Satanás oferecerá a expiação pela humanidade!⁷¹

⁶⁵ MARTINS, 1998, p. 66-67.

⁶⁶ BAALEN, 1974, p. 156-158.

⁶⁷ ELIAS, Tarles. **5 heresias adventistas**. Canal Teologando. YouTube, 22 out. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IS4YRiLh0VA>. Acesso em: 9 jun. 2026.

⁶⁸ BAALEN, 1974, p. 156-158.

⁶⁹ WHITE, Ellen G. **O grande conflito**: acontecimentos que mudarão o seu futuro. Tradução de Hélio L. Grellmann. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013, p. 423.

⁷⁰ WHITE, Ellen G. **Patriarcas e profetas**: o conflito entre o bem e o mal, ilustrado na vida de homens santos da antiguidade. Tradução de Flávio L. Monteiro. 16.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016, p. 256.

⁷¹ WHITE, Ellen G. **O grande conflito**: acontecimentos que mudarão o seu futuro. Tradução de Hélio L. Grellmann. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013, p. 423.

Refutação: Trata-se da doutrina mais herética dos adventistas! Em contraponto à dogmática adventista, a hermenêutica evangélica clássica defende que ambos os bodes apresentados no ritual de Levítico 16 tipificam, de maneira complementar e indivisível, a obra redentora de Jesus Cristo. Enquanto o animal imolado prefigura a morte vicária e a propiciação exigida pela justiça divina, o bode emissário ilustra a remoção absoluta e o afastamento incondicional da culpa para longe do povo. Essa compreensão estritamente cristocêntrica é corroborada pelo testemunho profético e apostólico, o qual atribui de forma exclusiva a Cristo a prerrogativa de tomar sobre si as iniquidades da humanidade e de “tirar o pecado do mundo” (Is 53.6; Jo 1.29; Rm 3.25; 5.9; 1Pe 2.24; 3.18).⁷² Por conseguinte, atribuir a Satanás a função de carregar ou aniquilar o pecado constitui um distanciamento do modelo expiatório revelado nas Escrituras (2Co 5.21; Hb 10.18).⁷³ Ademais, vale pontuar que no contexto veterotestamentário os animais utilizados nos rituais de purificação eram sempre sem defeitos. Desta forma, como poderia Satanás ser a representação de um animal sem máculas?⁷⁴

Consequentemente, as formulações doutrinárias do Juízo Investigativo e do bode emissário escatológico estruturam-se sobre evidentes distorções interpretativas de passagens centrais, como Daniel 8.14 e o próprio cerimonial de Levítico 16. Ao conceber um processo de purificação celestial contínuo e inacabado, tal sistema teológico subverte de forma frontal a suficiência e a finalidade da cruz do Calvário. A soteriologia neotestamentária, em contrapartida, assevera que, por meio de um único e perfeito sacrifício, Cristo “aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados” (Hb 10.14). Desse modo, rejeita-se teologicamente a noção de que as transgressões humanas permaneçam pendentes no plano celestial, uma vez que a obra da redenção e a anulação da culpa foram cabalmente consumadas por Jesus.⁷⁵

4.4 EXCLUSIVISMO

[O candidato ao batismo] Crê e aceita que a Igreja Adventista do Sétimo Dia é a igreja remanescente dos últimos dias de acordo com a profecia bíblica, e deseja ser aceito como membro da congregação local da Igreja Adventista mundial?⁷⁶

No âmbito de sua eclesiologia, a Igreja Adventista do Sétimo Dia postula uma autoimagem estritamente exclusivista, identificando-se escatologicamente como a única e autêntica *igreja remanescente* profetizada em Apocalipse 12.17. Fundamentando-se na premissa de que este grupo remanescente é singularmente caracterizado pela observância inegociável dos mandamentos de Deus - com ênfase dogmática na guarda do sábado - e pela posse do testemunho de Jesus, interpretado institucionalmente como o dom profético manifestado de forma exclusiva em Ellen G. White, a denominação reivindica para si a custódia da *verdade presente* e a condição de última agência de revelação divina na terra.⁷⁷ Consequentemente, sob essa matriz interpretativa, o adventismo histórico classifica o restante da cristandade, abrangendo tanto o catolicismo romano quanto as demais denominações do protestantismo evangélico, como integrantes da apostatada *Grande Babilônia* (Ap 14.8; 18.2-4). Tal categorização dogmática e escatológica implica que as outras tradições cristãs, ao rejeitarem os pilares adventistas, encontram-se em rebelião contra os preceitos divinos, o que inviabiliza o reconhecimento de uma irmandade espiritual plena e distancia o movimento de qualquer esforço de comunhão ou validação recíproca com o corpo evangélico global.⁷⁸

Refutação: Todo movimento que se diz exclusivista e que tem a última e verídica revelação não deve receber crédito. Se analisarmos em questão lógica, o adventismo defende que durante cerca de 1800 anos ninguém conheceu o verdadeiro cristianismo e Ellen White foi a detentora da verdadeira interpretação do

⁷² MARTINS, 1998, p. 67-68. & LEITE FILHO, 1991, p. 38-40

⁷³ RINALDI, 1996, p. 16-17.

⁷⁴ MARTINS, 1998, p. 68.

⁷⁵ NICODEMUS, 2023, n.p.

⁷⁶ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2021, n.p.

⁷⁷ IGREJA ADVENTISTA. **O remanescente e sua missão**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/13-o-remanescente-e-sua-missao/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

⁷⁸ WHITE, Ellen G. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007, p. 334-341.

evangelho de Jesus. Um pouco arrogante, não seria? (Cl 2.6-8, 23; Gl 5.1, 7-10; 4.17)⁷⁹

Além do mais, outro fator que comprova o seu exclusivismo é o fato do adventismo investir em proselitismo em relação a cristãos evangélicos e não cooperar com outras denominações. Conforme afirma Martins:

Outro detalhe é que os adventistas não são como os outros grupos evangélicos ou protestantes que consideram uns aos outros como irmãos e trabalham em perfeita harmonia para levar o evangelho aos perdidos sem proselitismo entre si. Os Adventistas não aceitam as demais igrejas como irmãs; eles crêem que possuem a verdade absoluta e os demais estão perdidos. Crêem que todas as outras denominações cristãs constituem a Grande Babilônia.⁸⁰

4.5 JESUS, O ARCANJO MIGUEL

Moisés passou pela morte mas Miguel veio e lhe deu vida eterna antes que seu corpo visse a corrupção. Satanás tentou segurar o corpo reclamando como seu, mas Miguel ressuscitou Moisés e o tomou para o céu. Satanás rebelou-se cruelmente contra Deus acusando-o de injusto, permitindo que sua presa fosse tomada dele. Mas Cristo não repreendeu o seu adversário, humildemente se submeteu ao Pai dizendo: ‘O Senhor o repreenda’.⁸¹

No âmbito de sua cristologia, o movimento adventista sustenta uma peculiar identificação nominal e funcional entre o Filho de Deus, em seu estado pré-encarnado, e a figura escatológica do Arcanjo Miguel. Fundamentando-se em uma interpretação específica de passagens como Gênesis 22.1-19, Gênesis 35.10-11, Daniel 12.1, Judas 9 e Apocalipse 12.7, Ellen G. White e os pioneiros da denominação articularam a defesa de que *Miguel* - cujo significado etimológico é “Quem é como Deus?” - não designa um ser angélico ontologicamente criado, mas sim o próprio Cristo eterno em sua soberania como comandante das hostes celestiais antes de sua encarnação.⁸² Sob essa ótica dogmática, o título de arcanjo é interpretado estritamente como *chefe dos anjos*, denotando uma posição de autoridade divina e de liderança na batalha cósmica contra Satanás, sem diminuir a sua divindade. Essa formulação, contudo, é frequentemente alvo de juízos e refutações por parte da teologia sistemática ortodoxa, a qual adverte que associar a Segunda Pessoa da Trindade a uma terminologia bíblica caracteristicamente reservada a seres celestiais criados gera severas ambiguidades teológicas e enfraquece a distinção categórica entre o Criador e a criação (Hb 1.5-14).⁸³

Refutação: Em contrapartida, a cristologia evangélica ortodoxa assevera que Jesus Cristo é o Deus Filho, o Verbo eterno, coatuante na criação e ontologicamente superior a qualquer criatura celestial (Jo 1.1-3; Cl 1.15-17; Hb 1.1-4). A encarnação constituiu um ato de condescendência voluntária e esvaziamento (*kenosis*), no qual o Verbo assumiu a natureza humana, tornando-se temporariamente menor que os anjos para efetuar a obra redentora (Fp 2.5-8; Hb 2.7-9; Sl 8.4-6). Sob essa premissa, rejeita-se a identificação de Cristo com o Arcanjo Miguel. As Escrituras retratam Miguel como um ser angélico criado e limitado em autoridade. Do ponto de vista exegético, observa-se em Judas 9 que Miguel não ousa repreender Satanás por autoridade própria, atitude que contrasta frontalmente com a soberania absoluta que o Senhor exerce sobre o reino espiritual (Mt 4.10; Mc 1.25-27). Ademais, em Daniel 10.13, Miguel é descrito como “um dos primeiros príncipes”, o que indica ser ele parte de uma hierarquia celestial de pares, diferentemente do Filho de Deus, que é singular, eterno, unigênito e incomparável (Jo 3.16; Cl 2.9).⁸⁴

A problemática dogmática adventista, portanto, deriva de uma construção hermenêutica que mescla a preexistência de Cristo com categorias próprias de seres celestiais. É necessário distinguir, à luz da teologia sistemática, a eterna filiação divina da existência encarnada: o Logos preexistia eternamente junto ao Pai

⁷⁹ ELIAS, 2024, n.p.

⁸⁰ MARTINS, 1998, p. 59.

⁸¹ WHITE, 2007, p.164.

⁸² SILVA, Rodrigo. **A doutrina de Cristo com Pr. Rodrigo Silva**. Canal Igreja UNASP EC. Plataforma YouTube, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RXVoxdPpmzY>. Acesso em: 10 jun. 2026.

⁸³ WHITE, Ellen G. **História da redenção**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2021, p. 135 e 161.

⁸⁴ NICODEMUS, 2023, n.p.

em substância espiritual incriada antes de assumir a forma corpórea e revelar-se historicamente como Jesus de Nazaré (Jo 1.14; 8.58; 17.5; Gl 4.4). Consequentemente, defender a eternidade de Cristo não legitima a atribuição de títulos ou funções angélicas à Segunda Pessoa da Trindade, configurando tal associação um argumento extrabíblico que compromete a distinção inegociável entre o Criador e a criatura (Rm 1.25; Hb 1.5-14).⁸⁵

4.6 ANIQUILACIONISMO

Alguns são destruídos como em um momento, enquanto outros sofrem muitos dias. Todos são castigados segundo as suas obras... Satanás, a raiz, e seus seguidores, os ramos, são consumidos completamente. A plena penalidade da lei foi visitada; as exigências da justiça foram satisfeitas; e o Céu e a Terra, contemplando-o, declaram a justiça de Jeová.⁸⁶

No que tange à escatologia e ao destino final dos ímpios, o adventismo do sétimo dia afasta-se radicalmente da ortodoxia cristã histórica ao adotar o aniquilacionismo, perspectiva dogmática também compartilhada por grupos como as Testemunhas de Jeová. Essa posição deriva de sua crença na *imortalidade condicional* (ou condicionalismo), a premissa teológica de que a alma humana não é inerentemente imortal, sendo a vida eterna um dom exclusivo concedido aos salvos em Cristo. Consequentemente, o movimento rejeita categoricamente a doutrina clássica do inferno como um local de tormento consciente e eterno. Sob a ótica adventista, textos como Malaquias 4.1 e Apocalipse 20.14-15 são interpretados como a descrição da segunda morte, isto é, a extinção absoluta e irreversível do ser.⁸⁷ Dogmaticamente, a denominação defende que, ao término do milênio escatológico, os ímpios serão ressuscitados para enfrentar o chamado Juízo Executivo. Nesse evento final, o fogo derramado por Deus não arderá perpetuamente; em vez disso, consumirá os pecadores, bem como Satanás e seus anjos caídos, de forma gradativa e proporcional à culpa de cada indivíduo.⁸⁸ Uma vez consumada a punição, o resultado será a aniquilação total dos transgressores, garantindo, na concepção adventista, a purificação definitiva do universo e a completa inexistência do pecado.⁸⁹

Refutação: A teologia evangélica ortodoxa rejeita a tese aniquilacionista, fundamentando-se no amplo e inequívoco testemunho bíblico acerca da perpetuidade da retribuição escatológica. As Escrituras asseguram a realidade do castigo consciente e eterno para os ímpios - aqueles que deliberadamente rejeitaram o evangelho de Cristo -, descrevendo tal estado com figuras de intenso sofrimento contínuo, como o choro e ranger de dentes e as trevas exteriores (Mt 8.11-12; 13.42, 50; 22.13; Lc 13.24-28).⁹⁰ O relato teológico de Jesus sobre o Rico e Lázaro (Lc 16.19-31), bem como suas solenes advertências sobre a perdição (*Geena*), onde “o seu verme não morre, e o fogo não se apaga” (Mc 9.43-48), evidenciam a consciência ininterrupta e dolorosa no estado final.⁹¹ Ademais, a exegese neotestamentária destaca o paralelismo estrutural empregado pelo próprio Cristo em Mateus 25.46, no qual o mesmo adjetivo grego (*aionios* - eterno) qualifica tanto a vida concedida aos justos quanto o castigo infligido aos ímpios; portanto, limitar a duração cronológica do juízo implica, hermeneuticamente, relativizar a própria eternidade da salvação. O corpo apostólico e profético ratifica essa condenação perene, descrevendo-a como *eterna perdição* (2Ts 1.9), *vergonha e horror eterno* (Dn 12.2) e *penas do fogo eterno* (Jd 7, 13; 2Pe 2.17).⁹²

Por fim, a hipótese de um aniquilacionismo aplicável a Satanás revela-se igualmente insustentável

⁸⁵ NICODEMUS, 2023, n.p.

⁸⁶ WHITE, 2007, p. 544.

⁸⁷ QUADROS, Leandro. **Debate com um imortalista**: parte 2. Na Mira da Verdade, Rede Novo Tempo de Comunicação, 28 jan. 2016. Disponível em: <https://www.novotempo.com/blogs/namiradaverdade/debate-com-um-imortalista-parte-2/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

⁸⁸ WHITE, Ellen G. **Em busca de esperança**. Tradução de Ivan Schmidt. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016, p. 76-77.

⁸⁹ WHITE, 2007, p. 544.

⁹⁰ VAILATTI, Carlos. **A morte eterna é a aniquilação dos ímpios?** Canal Sezar Cavalcante. YouTube, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cxxjgE7e7mo>. Acesso em: 19 jul. 2026.

⁹¹ NICODEMUS, 2023, n.p.

⁹² MARTINS, 1998, p. 61-62.

à luz da escatologia joanina e dos evangelhos. O texto de Mateus 25.41 declara explicitamente que o *fogo eterno* foi preparado primariamente para o *Diabo e seus anjos*, estabelecendo a natureza perene de sua punição. Corroborando essa afirmação, Apocalipse 20.10 é irrefutável ao descrever o destino final do dragão no lago de fogo e enxofre - o mesmo ambiente destinado à besta e ao falso profeta -, sentenciando que ali “serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos”. Tal afirmação dissipa qualquer viabilidade exegética de uma extinção ontológica de Satanás ou dos não redimidos, confirmando a doutrina do tormento consciente, contínuo e interminável (Ap 14.9-11; 19.20).⁹³

4.7 SONO DA ALMA

Deus, o único que é imortal, concederá vida eterna a Seus remidos. Até aquele dia, a morte é um estado inconsciente para todas as pessoas.⁹⁴

Cristo representa a morte como um sono para os Seus filhos crentes. Sua vida está escondida com Cristo em Deus, e até que soe a última trombeta os que morrem dormirão nEle.⁹⁵

No que diz respeito à natureza humana e ao que ocorre logo após a morte, a doutrina adventista defende o chamado *sono da alma*. O movimento rejeita a ideia tradicional de que o ser humano seja dividido em duas partes separadas - um corpo físico que morre e uma alma espiritual imortal -, considerando essa visão uma forte influência da filosofia grega sobre o cristianismo. Em vez disso, baseiam-se em Gênesis 2.7 para afirmar que o ser humano é uma unidade inseparável. Para os adventistas, a *alma vivente* não é uma entidade consciente que habita dentro do corpo, mas sim o resultado direto da união entre o pó da terra e o fôlego de vida dado por Deus.⁹⁶

Consequentemente, argumentam que, no momento da morte física, ocorre o processo inverso: o fôlego retorna ao Criador e a pessoa cessa por completo sua existência consciente. Assim, o período entre o falecimento e a ressurreição não é visto como uma passagem imediata para o céu ou para o inferno, mas como um estado de total inatividade e silêncio. Para apoiar essa visão, utilizam textos do Antigo Testamento, como Eclesiastes 9.5-6 e Salmos 146.4, enfatizando que “os mortos não sabem coisa nenhuma”. No Novo Testamento, apoiam-se em passagens como 1 Tessalonicenses 4.13-17 e 1 Coríntios 15, interpretando a expressão apostólica do *adormecer* no Senhor de forma totalmente literal. Por essa razão, a denominação afirma que o despertar consciente dos salvos só acontecerá no dia da Segunda Vinda de Jesus Cristo.⁹⁷

Refutação: O texto de Eclesiastes refere-se à inatividade em relação à interação com as coisas deste mundo. Quando Paulo fala de *sono* está utilizando-se de uma figura de linguagem, pois quem morre no Senhor não morre, mas permanece vivo e será levantado, ressuscitado no fim desta era. Além do mais, na realidade o que permanece em inatividade é o corpo físico apenas, mas a alma não. Depois da morte física, a alma/espírito do indivíduo separa-se do corpo, permanecendo em um estado de consciência. Podemos ver este fato no relato da transfiguração, onde Moisés e Elias falaram com Jesus (Mt 17.1-8). Outro texto que ressalta isso, é a Parábola do Rico e Lázaro contada por Jesus (Lc 16.19-31). Também se menciona a partida de Estevão, em Atos 7.59,60, onde vemos que seu corpo adormeceu, mas seu espírito foi recebido por Jesus. Além do mais, a Bíblia fala que Deus não é Deus de mortos, mas de vivos (Mt 22.31,32; Lc 20.37-38). Outros textos de refutação de tal doutrina: At 7.59; Fp 1.23; Lc 23.42-43; Hb 12.22-23; Ap 7.9,14; Ec 12.7; 2Co 5.1,6,8; 1Ts 5.10.⁹⁸

⁹³ PETERSON, Robert. **Aniquilação ou punição eterna?** Ministério Fiel, São José dos Campos, 28 ago. 2014. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/aniquilacao-ou-punicao-eterna/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

⁹⁴ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Morte e ressurreição**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/26-morte-e-ressurreicao/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

⁹⁵ WHITE, Ellen G. **O desejo de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013, p. 458.

⁹⁶ MARTINS, 1998, p. 59-60.

⁹⁷ WHITE, Ellen G. **A grande esperança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011, p. 38-44.

⁹⁸ CANRIGHT, 1998, p. 59-60.

4.8 SÁBADO, O SELO DE DEUS

Vi que o santo sábado é, e será, o muro de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos.⁹⁹

Não puderam achar nas Escrituras prova alguma de que o quarto mandamento tivesse sido abolido, ou de que o sábado fora mudado...e manifestaram lealdade para com Deus, santificando Seu sábado.¹⁰⁰

É um símbolo de nossa redenção em Cristo, um sinal de nossa santificação, uma prova de nossa lealdade e um antegoço de nosso futuro eterno no reino de Deus. O sábado é o sinal perpétuo do eterno concerto de Deus com Seu povo.¹⁰¹

O pilar central e o traço identitário mais marcante da teologia adventista é a guarda inegociável do sétimo dia. Dogmaticamente, a denominação não interpreta o sábado apenas como um aspecto cerimonial da lei mosaica, mas como uma ordenança criacional pré-queda, instituída por Deus no Éden para toda a humanidade (Gn 2.1-3). Por conseguinte, argumentam que o quarto mandamento do Decálogo (Êx 20.8-11) possui caráter moral, universal e imutável. Para fundamentar essa perspectiva, o movimento aponta para a prática de Jesus Cristo e de seus apóstolos, ressaltando que estes mantiveram o costume de guardar o sábado e que não há, no Novo Testamento, qualquer revogação ou ordem explícita de transferência de santidade para o primeiro dia da semana. A observância litúrgica, seguindo a contagem de tempo bíblica, é estritamente demarcada do pôr do sol de sexta-feira (18 horas) ao pôr do sol de sábado (Lv 23.32). Segundo as diretrizes oficiais da Igreja Adventista do Sétimo Dia, a observância do sábado requer a interrupção das atividades seculares, profissionais, comerciais e recreativas comuns, dedicando o tempo ao culto, à comunhão com Deus, à família, ao serviço cristão e a obras de necessidade e misericórdia.¹⁰²

No âmbito escatológico e profético, o adventismo eleva a guarda do sábado a um critério definitivo de lealdade a Cristo no fim dos tempos. Mediante as revelações de sua profetiza Ellen G. White - que relatou ter visto, em visão, a arca da aliança no santuário celestial com um resplendor de luz destacando o quarto mandamento -, a instituição compreende que o sábado funciona como o *selo do Deus vivo* (Ap 7.2-3) que distinguirá a autêntica igreja remanescente.¹⁰³

Em oposição a isso, a adoção do domingo como dia de adoração é frontalmente rejeitada e classificada como a maior apostasia da história cristã. Os adventistas atribuem essa mudança a um forte sincretismo com o paganismo solar (*dies solis*), o qual teria sido introduzido gradativamente na Igreja, formalizado por decretos imperiais (notadamente o do imperador Constantino, em 321 d.C.) e consolidado pela autoridade papal da Igreja Católica Romana. Sob essa matriz interpretativa, a alteração do dia de guarda é vista como o cumprimento exato da profecia de Daniel 7.25 - que alerta sobre um poder que cuidaria em “mudar os tempos e a lei” - e postula-se que, no ápice do conflito escatológico final, a imposição da guarda do domingo se configurará como a temível *marca da besta* citada no livro do Apocalipse.¹⁰⁴

Refutação: A apologética evangélica ortodoxa refuta a imposição adventista da guarda do sábado ao demonstrar que a estrita observância do sétimo dia pertencia à administração da Antiga Aliança, servindo como um sinal temporário e exclusivo entre Deus e a nação de Israel (Êx 31.16-17; Lv 23.21). À luz da revelação progressiva, o apóstolo Paulo é categórico ao afirmar que as festividades litúrgicas, as luas novas e os sábados eram apenas “sombras das coisas que haviam de vir”, cuja realidade e cumprimento

⁹⁹ WHITE, 2007, p. 33.

¹⁰⁰ WHITE, 2013, p. 379.

¹⁰¹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **O sábado**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/20-o-sabado/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

¹⁰² IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Observância do sábado**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 24 out. 2023. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/documentos/observancia-do-sabado/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

¹⁰³ LUZ, Adriano. **O selo do Deus vivo**. In: Contagem regressiva. Brasília, DF: Igreja Adventista do Sétimo Dia, [ano], p. 43–47. Disponível em: <https://arquivosadventistas.org/arquivos/Sermoes/neemias/Contagem%20Regressiva%20-%20Domingo/Sermoes%20em%20PDF/06%20-%20O%20selo%20do%20Deus%20vivo.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2026.

¹⁰⁴ WHITE, 2007, p. 41-51, 334-341.

pleno encontram-se em Cristo (Cl 2.16-17). Consequentemente, a erudição neotestamentária evidencia que a Antiga Aliança e suas ordenanças cerimoniais foram superadas pela superioridade da Nova Aliança estabelecida no sangue de Jesus (Hb 7.18; 8.7-13).¹⁰⁵

Ademais, o próprio Cristo, ao declarar-se *Senhor do sábado* (Mt 12.8), confrontou e desmistificou o rigorismo legalista da época, demonstrando que o verdadeiro descanso sabático aponta para a redenção operada por Ele. Desse modo, não se encontra no corpo apostólico qualquer ordem para que a Igreja gentílica mantivesse o costume judaico de guarda do dia, sendo que os primeiros cristãos frequentemente enfrentaram perseguições justamente por romperem com tais preceitos!¹⁰⁶

Ainda, a transição para a celebração do primeiro dia da semana não se fundamenta em um decreto pagão imperial, como postula equivocadamente a historiografia adventista, mas na própria dinâmica histórico-redentiva do Novo Testamento. A Igreja Primitiva instituiu o domingo como o *Dia do Senhor* (Ap 1.10; Mc 16.9; Lc 24.1; Jo 20.19; Jo 20.26; At 20.7; 1Co 16.2) em memória e celebração da ressurreição de Cristo, evento que inaugurou a nova criação. É no primeiro dia da semana que Jesus ressurge dentre os mortos e aparece repetidamente aos seus discípulos congregados (Jo 20.1, 19, 26). Sob a mesma providência divina, o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes ocorreu historicamente no dia seguinte ao sétimo sábado, isto é, em um domingo. Em estrita harmonia com esses marcos cristológicos, os registros apostólicos atestam que os primeiros cristãos adotaram espontaneamente o domingo como o dia oficial para suas reuniões comunitárias, para o ensino, para a celebração da ceia e para a separação sistemática de ofertas (At 20.6-7; 1Co 16.2), estabelecendo um padrão de culto cristocêntrico liberto das amarras da lei mosaica.¹⁰⁷

Por fim, a dogmática adventista de elevar o sábado à categoria de *selo de Deus* ou critério de validação escatológica para a vida eterna colide frontalmente com a soteriologia ortodoxa e o princípio do *Sola Fide* (somente a fé). A perspectiva reformada adverte que a tentativa de adicionar a obediência a um mandamento litúrgico como elemento complementar à obra redentora de Cristo configura-se como um grave desvio ao sinergismo, no qual a salvação dependeria do mérito ou do esforço humano. As Escrituras declaram de modo irrefutável que a justificação é um dom gratuito da graça de Deus, alcançado exclusivamente mediante a fé na obra consumada de Jesus Cristo (Ef 2.8-9). Paulo rejeita veementemente qualquer justiça própria derivada da obediência estrita a preceitos legais, gloriando-se apenas na justiça imputada que procede de Deus pela fé (Fp 3.9). Portanto, impor a observância do sábado como condição para a salvação constitui uma prática extremamente contrária ao Evangelho, pois subverte a graça divina e atenta contra a total suficiência e perfectibilidade do sacrifício de Cristo na cruz.¹⁰⁸

Para encerrar este tópico, apresenta-se um breve panorama da recolocação dos princípios morais da lei na realidade da nova aliança, no novo testamento. Percebe-se que a observação do sábado, como defendem os adventistas, não encontra defesas nos escritos neotestamentários:

Quadro 1 - Alocação dos princípios da lei na nova aliança

Lei	AT	NT
1º Não terás outro deus	Êx 20.2,3	1Co 8.4-6; At 17.23-31
2º Não adorarás ídolos	Êx 20.5,6	1Jo 5.21
3º Não use o Nome de Deus em vão	Êx 20.7	Tg 5.12
4º Guarde o sábado	Êx 20.8-11	?????
5º Honra teus pais	Êx 20.12	Ef 6.1-3

¹⁰⁵ CANRIGHT, 1889, p. 98-103.

¹⁰⁶ LEITE FILHO, 1991, 34-36.

¹⁰⁷ MARTINS, 1998, p. 62-65.

¹⁰⁸ SILVA, 1981, p. 59-66.

6º Não matará	Êx 20.13	Mt 5.21-22; Rm 13.9
7º Não adulterará	Êx 20.14	Mt 5.27-28; 1Co 6.9-10
8º Não furtará	Êx 20.15	Ef 4.28
9º Não minta	Êx 20.16	Cl 3.9; Tg 4.1; Mt 5.33-37
10º Não cobice	Êx 20.17	Ef 5.3

4.9 RESTRIÇÃO ALIMENTAR

Junto com adequado exercício e repouso, devemos adotar a alimentação mais saudável possível e nos abster dos alimentos imundos identificados nas Escrituras.¹⁰⁹

Entre os que aguardam a vinda do Senhor, o comer carne será finalmente abandonado.¹¹⁰

O queijo nunca deve ser introduzido no estômago.¹¹¹

No que concerne à práxis comportamental e dietética, o adventismo do sétimo dia estabelece uma intrínseca correlação entre a alimentação e a santificação espiritual. Fundamentando-se em uma interpretação literal e de vigência contínua das leis de pureza do Antigo Testamento, a denominação prescreve a abstenção rigorosa de animais classificados como imundos - notadamente a carne suína e os frutos do mar -, ancorando-se em textos normativos como Levítico 11 e Isaías 65.4.¹¹²

Além de formular convicções religiosas relacionadas à alimentação, White incentivava a estrita observância dessas orientações dietéticas, conforme testemunhado por um antigo seguidor do adventismo e ex-pastor da denominação, Dudley Marvin Canright, que mais tarde aderiu ao evangelicalismo:

Certa vez eles adotaram uma rígida dieta vegetariana - nada de carne, de manteiga, apenas duas refeições por dia, etc, mas foi um fracasso. Ela matou muitos e arruinou mais ainda, até que tiveram que modificá-la e viver como as outras pessoas.¹¹³

Também, observa-se uma pluralidade de práticas internas, visto que correntes mais rigorosas dentro do movimento adotam o vegetarianismo ou o veganismo integral, como alguns adeptos do Movimento de Reforma Adventista (ASDMR).¹¹⁴ Para essa vertente, amplamente influenciada pelas revelações de Ellen G. White, a introdução da dieta carnívora é teologicamente compreendida como uma concessão divina pós-diluviana que atuou como um mecanismo limitador para reduzir a extrema longevidade dos primeiros seres humanos, distanciando a humanidade do ideal da dieta edênica original, que era estritamente vegetal. Em adição a esse regime alimentar, a dogmática adventista institui a chamada *reforma de saúde*, que preconiza a preservação do corpo mediante a recusa categórica de elementos estimulantes e substâncias potencialmente causadoras de dependência.¹¹⁵ Tal doutrina resulta na condenação de vícios comuns e na proibição estrita não apenas de narcóticos e bebidas alcoólicas, mas também, de modo muito particular, do consumo de produtos ricos em cafeína, como café, chás pretos e refrigerantes.¹¹⁶

Refutação: Em contraposição à manutenção do código dietético levítico, a teologia neotestamentária assevera a revogação das leis de pureza alimentar mediante a autoridade do próprio Cristo. Nos evangelhos, Jesus desmistifica a crença de contaminação espiritual por meio da ingestão física, declarando de forma explícita e definitiva que todos os alimentos são puros (Mc 7.18-19). Essa quebra de paradigma cerimonial é irrefutavelmente ratificada na revelação apostólica concedida a Pedro, na qual a voz divina adverte e

¹⁰⁹ IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Conduta cristã**. [S.l.]: Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/22-conduta-crista/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

¹¹⁰ WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre o regime alimentar**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001, p. 380

¹¹¹ WHITE, 2001, p. 368

¹¹² MARTINS, 1998, p. 65-66.

¹¹³ CANRIGHT, 1889, p. 25.

¹¹⁴ ASSOCIAÇÃO DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA MOVIMENTO DE REFORMA (ASDMR). **Crenças**. Disponível em: <https://www.asdmr.org.br/crencas>. & BARROS, Alberto Tasso. **Espiritualidade e saúde**. Revista Adventista, 2025. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/espiritualidade-e-saude/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

¹¹⁵ WHITE, 2001, p. 25-27; 253-254.

¹¹⁶ WHITE, 2001, p. 253-254.

ordena não considerar impuro aquilo que o próprio Deus já purificou (At 10.10-15). Sob a ótica da Nova Aliança, o cristão é instruído a desfrutar da provisão divina com gratidão, lembrando, inclusive, que as próprias Escrituras já haviam flexibilizado e autorizado o abate e o consumo de carne conforme o desejo da alma (Dt 12.15).¹¹⁷

Ademais, a literatura paulina combate frontalmente qualquer inclinação ao legalismo dietético, orientando a Igreja a não se submeter a julgamentos externos embasados em preceitos de comida ou bebida (Cl 2.16).¹¹⁸ A práxis cristã, endossada pelo próprio Jesus, estabelece a liberdade de comer daquilo que é oferecido (Lc 10.8), uma vez que o apóstolo Paulo estava plenamente persuadido no Senhor de que “nada é em si mesmo impuro” (Rm 14.14). A carta aos Romanos adverte severamente contra o risco de fraturar a comunhão cristã em prol de escrúpulos dietéticos, lembrando que aquele que come o faz para o Senhor (Rm 14.1-3,6). A teologia evangélica conclui, portanto, que a santificação e a vida do Espírito (Rm 8.11) transcendem a alimentação, pois a essência e a realidade do Reino de Deus “não são comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia preserve determinados axiomas bíblicos consonantes com a ortodoxia cristã, sua dogmática funde essas verdades a equívocos hermenêuticos e postulados teológicos que comprometem a integridade de seu sistema confessional. O cerne da problemática adventista reside na formulação de um evangelho híbrido, no qual a suficiência e a simplicidade da mensagem cristocêntrica são desvirtuadas pela adição de preceitos periféricos. Nesse sentido, endossa-se a assertiva de Martins, o qual classifica o adventismo como “...o ressurgimento do farisaísmo do primeiro século”¹¹⁹, visto que o movimento tenciona promover uma insustentável sincronia entre o cristianismo da Nova Aliança e o rigorismo do legalismo judaico.

A gênese estrutural de grande parte desses desvios doutrinários repousa na elevação das revelações extrabíblicas de Ellen G. White a um patamar de inspiração autoritativa. A despeito da afirmação nominal de que a Bíblia é a única regra de fé, a própria estrutura confessional da denominação postula que os escritos de White operam como uma fonte divinamente inspirada - frequentemente referida como a “luz menor” - essencial para o esclarecimento e a interpretação correta das Escrituras. Na práxis teológica, tal submissão subverte o princípio do *Sola Scriptura*, condicionando a revelação canônica ao crivo interpretativo de sua profetisa.

Diante do exposto no presente estudo, atesta-se que o adventismo apresenta divergências estruturais profundas e irreconciliáveis com a fé evangélica histórica. Tais discrepâncias materializam-se em oposições dogmáticas severas, a saber: a doutrina do Juízo Investigativo, que mitiga a consumação cabal da expiação na cruz; o rebaixamento manifesto da Pessoa de Jesus Cristo em um ser celeste; a concepção escatológica de que Satanás assumirá o papel de bode emissário carregando a iniquidade final da humanidade; a defesa de uma soteriologia marcadamente sinérgica, que insere o esforço humano e as obras da lei como elementos de confirmação da salvação; e a adoção de uma eclesiologia estritamente exclusivista, que reivindica para o movimento o monopólio da voz profética e o status de única igreja remanescente. Por conseguinte, à luz da teologia sistemática e da ortodoxia protestante, demonstra-se teologicamente incoerente e dogmaticamente insustentável classificar o Adventismo do Sétimo Dia como um movimento representativo e legítimo do evangelicalismo clássico.

REFERÊNCIAS

ADVENTIST RESEARCH. **Estado dos membros da Igreja Adventista 2025**. Silver Spring, 8 abr. 2025. Dispo-

¹¹⁷ NICODEMUS, 2023, n.p.

¹¹⁸ MARTINS, 1998, p. 65-66.

¹¹⁹ MARTINS, 2007, p. 52.

nível em: <https://www.adventistresearch.info/pt-br/state-of-the-adventist-church-membership-2025/>. Acesso em: 30 maio 2026.

ANDERSON, Dirk. **Criticisms of Ellen White's prophetic gift**. Atualizado em abr. 2026. Disponível em: <https://www.nonegw.org/criticb.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2026.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA MOVIMENTO DE REFORMA (ASDMR). **Crenças**. [S.d.]. Disponível em: <https://www.asdmr.org.br/crencas>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BAALEN, Jan Karel Van. **O caos das seitas**: um estudo sobre os “ismos” modernos. Tradução de W. J. Gosldsmith. 2.ed. São Paulo: Batista Regular, 1974.

BARROS, Alberto Tasso. Espiritualidade e saúde. **Revista Adventista**, 2025. Disponível em: <https://www.revista-adventista.com.br/da-redacao/destaques/espiritualidade-e-saude/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada NVI**: Nova versão internacional. Santos: Bíblica, 2000.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neo-pentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora; São Bernardo do Campo: UESP, 1997.

CANRIGHT, D. M. **Adventismo do Sétimo Dia renunciado**: após uma experiência de vinte e oito anos como um proeminente ministro e escritor daquela fé. New York; Chicago; Toronto: Fleming H. Revell, 1889.

CENTRO DE PESQUISAS ELLEN G. WHITE. **Biografia de Ellen G. White (1827–1915)**. Engenheiro Coelho: Centro White, [s.d.]. Disponível em: <https://centrowhite.org.br/ellen-g-white/biografia-de-ellen-g-white-1827-1915/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

ELIAS, Tarles. **5 heresias adventistas**. Canal Teologando. YouTube, 22 out. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IS4YRiLh0VA>. Acesso em: 9 jun. 2026.

FRESTON, Paul. **Evangélicos na política brasileira**: da Constituinte ao impeachment. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. **Annual Statistical Report**. Silver Spring, MD: Office of Archives, Statistics and Research, diversas edições.

GREENLEAF, Floyd. **Terra de esperança**: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tradução de Cecília Eller Nascimento. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

HODDER, Delbert H. Visions or Partial-Complex Seizures? **Evangelica**, v. 2, n. 5, nov. 1981. Reproduzido em: Nonegw.org. Disponível em: <https://www.nonegw.org/egw79.shtml>. Acesso em: 8 jun. 2026.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Conduta cristã**. [S.l.]: Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/22-conduta-crista/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Ficha de batismo 2021**: ficha de registro de candidato. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2021. Disponível em: <https://arquivosadventistas.org/arquivos/secretaria/Ficha%20de%20batismo%202021.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2026.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Morte e ressurreição**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/26-morte-e-ressurreicao/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nossa história**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/quem-somos/identidade/nossa-historia/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **O dom de profecia**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/18-o-dom-de-profecia/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **O ministério de Cristo no santuário celestial**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/24-o-ministerio-de-cristo-no-santuario-celestial/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **O remanescente e sua missão**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/13-o-remanescente-e-sua-missao/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **O sábado**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/nossas-crencas/20-o-sabado/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Observância do sábado**. Brasília, DF: Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 24 out. 2023. Disponível em: <https://institucional.adventistas.org/pt/documentos/observancia-do-sabado/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo 2022**: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. Agência de Notícias IBGE, Rio de Janeiro, 6 jun. 2025. Disponível em: Agência de Notícias IBGE. Acesso em: 30 maio 2026.

KALLER, Donald W. **Seitas I**. 9.ed. Patrocínio: CEIBEL, 1992.

KNIGHT, George R. **Nossa identidade**: origem e desenvolvimento das doutrinas adventistas. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

LEITE FILHO, Tácito da Gama. **Seitas proféticas**. 5.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.

LIMA, Itard Víctor Camboim de. **O diagnóstico de Ellen Gould White**. Centro Apologético Cristão de Pesquisas (CACP). Londrina, PR: CACP, [s.d.]. Disponível em: <https://www.cacp.app.br/o-diagnostico-de-ellen-gould-white/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

LOUGHBOROUGH, J. N. **O Grande Movimento Adventista**. Oregon: Adventist Pioneer Library, 2014.

LUZ, Adriano. O selo do Deus vivo. In: **Contagem regressiva**. Brasília, DF: Igreja Adventista do Sétimo Dia, [s.d.]. Disponível em: <https://arquivosadventistas.org/arquivos/Sermoes/neemias/Contagem%20Regressiva%20-%20Domingo/Sermoes%20em%20PDF/06%20-%20O%20selo%20do%20Deus%20vivo.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2026.

MARTINS, Jaziel Guerreiro. **Seitas e heresias do nosso tempo**. Curitiba: ADSantos, 1998.

MAXWELL, C. Mervyn. **História do adventismo**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1982.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3.ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MOCELLIN, Rodrigo. **Pastor prova que adventista é seita**. Canal Pastor Rodrigo Mocellin. YouTube, 5 ago. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vFqvaZtTjD0>. Acesso em: 9 jun. 2026.

NICODEMUS, Augustus. **Religiões Comparadas: Adventismo**. Canal Augustus Nicodemus. YouTube, 19 mar. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wiog_iCArLw. Acesso em: 25 ago. 2023.

PETERSON, Robert. **Aniquilação ou punição eterna?** Ministério Fiel, São José dos Campos, 28 ago. 2014. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/aniquilacao-ou-punicao-eterna/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

QUADROS, Leandro. **Debate com um imortalista**: parte 2. Na Mira da Verdade, Rede Novo Tempo de Comunicação, 28 jan. 2016. Disponível em: <https://www.novotempo.com/blogs/namiradaverdade/debate-com-um-imortalista-parte-2/>. Acesso em: 10 jun. 2026.

REVISTA ADVENTISTA. **Afirmamos e Negamos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, fev. 1984.

RINALDI, Natanael. **Desmascarando as seitas**. Tradução de Paulo Romeiro. 5.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

SCHWARZ, Richard W.; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução de Delmar F. Freire. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

SEVENTH-DAY ADVENTIST CHURCH. **What do Seventh-day Adventists really believe?** Silver Spring, MD, [s.d.]. Disponível em: <https://www.adventist.org/beliefs/>. Acesso em: 8 jun. 2026.

SILVA, José Apolônio da. **Heresiologia**. Rio de Janeiro: CPAD, 1981.

SILVA, Rodrigo. **A doutrina de Cristo com Pr. Rodrigo Silva**. Canal Igreja UNASP EC. Plataforma YouTube, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RXVoxdPpmzY>. Acesso em: 10 jun. 2026.

TIMM, Alberto R.; SANTOS, Moisés (org.). **O Adventismo no Brasil: ensaios sobre história, identidade e missão**. Curitiba: Fi, 2024.

VAILATTI, Carlos. **A morte eterna é a aniquilação dos ímpios?** Canal Sezar Cavalcante. YouTube, 20 jul. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cxxjgE7e7mo>.

WHITE, Ellen G. **A grande esperança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre o regime alimentar**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

WHITE, Ellen G. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. **Em busca de esperança**. Tradução de Ivan Schmidt. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

WHITE, Ellen G. **História da redenção**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2021.

WHITE, Ellen G. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, Ellen G. **O grande conflito**: acontecimentos que mudarão o seu futuro. Tradução de Hélio L. Grellmann. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, Ellen G. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. **Patriarcas e profetas**: o conflito entre o bem e o mal, ilustrado na vida de homens santos da antiguidade. Tradução de Flávio L. Monteiro. 16.ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

WHITE, Ellen G. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. **Testimonies for the Church**. Vol. 1. Mountain View: Pacific Press, 1885.

WYNNE, Kerry. **O fiasco da visão de Ellen White sobre os edifícios de Chicago**. Tradução de Valter Contesso. 1 ago. 2014. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/542192479/o-Fiasco-Da-Visao-de-Ellen-White-Sobre-Os-Edificios-de-Chicago>. Acesso em: 8 jun. 2026.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional